

09/06/97
7/14/97 24
02

Reprodução



A CAATINGA É UM DOS ecossistemas mais danificados no Nordeste. A implantação de pastos, com queimadas e sem que houvesse manejo adequado, foi a maior causa da derrubada da mata nativa

Satélite revela o pesadelo ambiental do Nordeste

Pesquisa realizada pela Embrapa de Petrolina revela dados inéditos sobre a biodiversidade da região

Claudia Sarmento

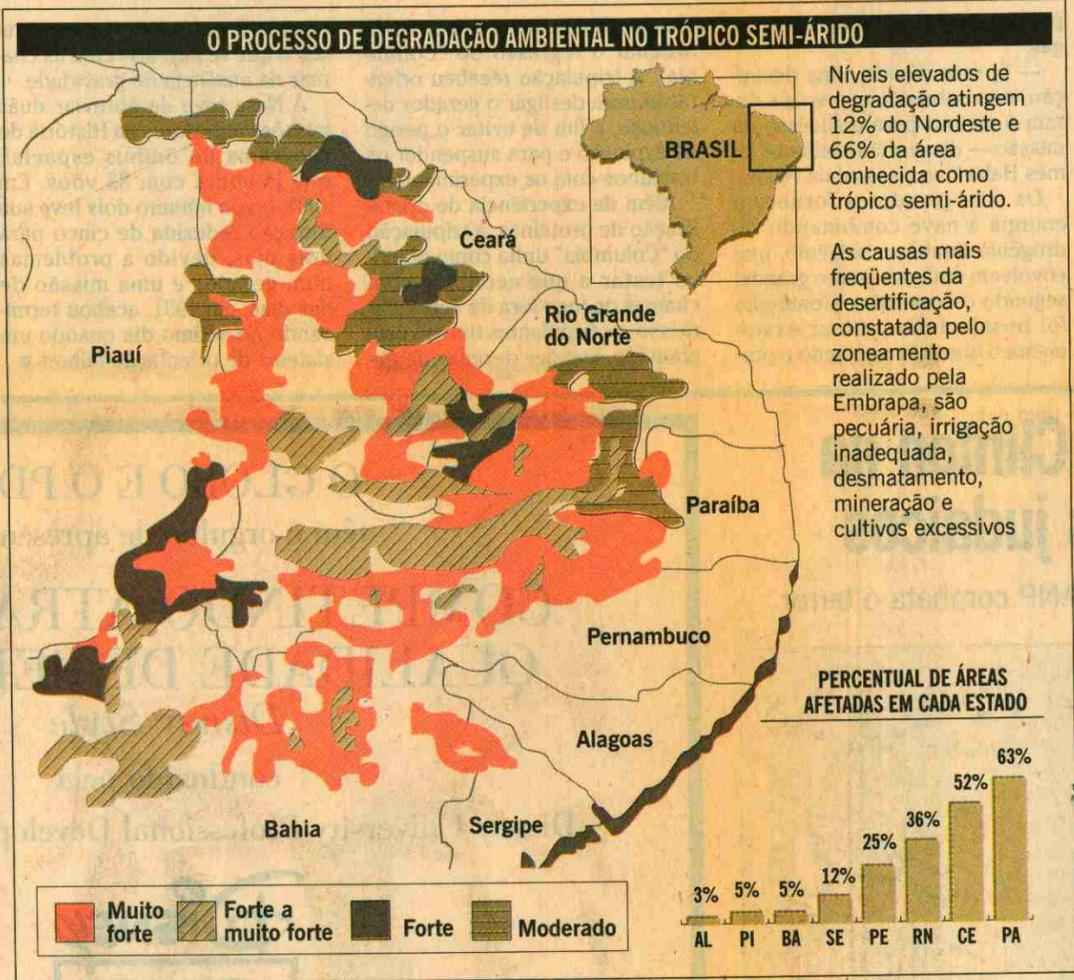
Um panorama desolador do Nordeste está sendo revelado pelas imagens de um satélite: 12% da região — ou 20 milhões de hectares — registraram elevados níveis de degradação ambiental. Em alguns estados, como a Paraíba e o Ceará, mais da metade do território já foi atingida pelo processo de desertificação. O estudo, realizado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa/Semi-Árido) de Petrolina, em Pernambuco, revelou outros dados inéditos sobre a biodiversidade do Nordeste e o drama social desencadeado pela degradação, que afeta principalmente os agricultores de baixa renda. A dimensão do estrago provocado pelo uso intensivo e inadequado do solo surpreendeu os próprios pesquisadores.

Primeiros resultados do estudo começam a ser divulgados

As descobertas feitas pela Embrapa estão sendo obtidas a partir do Zoneamento Agroecológico do Nordeste (Zane), um trabalho pioneiro que já reuniu informações de 1,6 milhão de quilômetros quadrados sobre solos, relevo, clima, recursos hídricos, densidade ocupacional e sistemas de produção da região.

A área analisada com a ajuda do satélite "Landsat TM" fica no chamado trópico semi-árido e a primeira parte do estudo, concluída em 1994, só está sendo divulgada à sociedade, de forma ampla, agora.

Há dois momentos distintos no processo de degradação constatado. O primeiro, e mais antigo, foi decorrente do uso intensivo da terra em áreas de solos férteis e que, pelas suas características físicas, são mais sujeitos à erosão. O segundo momento (atual) é caracterizado pela acelerada derrubada da caatinga para implantação de pastos, em muitos



casos, sem que haja manejo adequado — explicou o chefe-geral da Embrapa/Semi-árido em Petrolina, Manoel Abílio de Queiróz.

Dependendo do nível de degradação, as consequências podem ser catastróficas: os cultivos e a produção agropecuária tornam-se inviáveis, fazem a fome e a pobreza na região aumentar e expulsam o homem da área afetada. As causas mais frequentes da deterioração ambiental são o desmatamento, a mineração, os cultivos excessivos, a criação de animais sem planejamento correto e a ir-

rigação inadequada do solo.

A degradação do trópico semi-árido está ligada à ação do homem sobre a vegetação e o solo, mediante o cultivo de espécies como o feijão, milho e algodão que, por suas características, não favorecem a proteção dos solos contra os efeitos da erosão.

O principal responsável por essa situação foi o ciclo do algodão cultivado em solos férteis, mas frágeis, afirmou Queiróz.

Segundo um relatório feito pela Embrapa e pela Orstom, uma instituição francesa de pesquisa, o

desmatamento registrado ao longo dos anos no Nordeste provocou mudanças climáticas, que evoluíram para um tipo de desertificação somente visto no continente africano.

De acordo com Queiróz, a situação tem sido muito agravada pelo desmatamento seletivo feito no Nordeste. A Paraíba tem o maior percentual de área afetada (63%), seguida pelo Ceará (52%), Rio Grande do Norte (36%) e Pernambuco (25%).

É preciso deixar claro que, quando falamos em desertifica-

ção, não significa que as áreas afetadas se transformarão em desertos de areia. Significa que seu solo está improdutivo — disse o pesquisador da Embrapa Renival Alves de Souza, um dos responsáveis pelo Zane.

Degradação ambiental pode ser revertida

Ele explica que a degradação ambiental do trópico semi-árido não é irreversível, embora muitos fatores — como a irregularidade das chuvas e a ação predatória precoce do homem, por exemplo — influenciem na recuperação das áreas afetadas. A caatinga tem um forte poder de recomposição, lembra o pesquisador, mas as recomendações da Embrapa precisam ser seguidas.

Uma das soluções é o melhoramento de espécies nativas e a introdução e adaptação de espécies exóticas para a alimentação dos rebanhos, misturando-as à vegetação típica da caatinga, de forma a reduzir a agressão ao meio ambiente — disse Souza.

O zoneamento feito pela Embrapa dividiu o Nordeste em 172 regiões e constatou que sua diversidade ambiental é maior até do que a da Amazônia, considerada, erroneamente, por muitos a região de maior biodiversidade no Brasil. O trabalho entrou agora na segunda fase, que detalhará a degradação da região para orientar estados e municípios sobre a melhor maneira de recuperar as áreas.

Outra forma de aliviar a pressão sobre o meio ambiente — disse Souza — é implantando áreas de irrigação onde é possível desenvolver uma exploração agropecuária intensiva. Cada hectare irrigado chega a gerar até três empregos diretos e oito indiretos — explicou.